



## EDUCAÇÃO FILOSÓFICA NO CAMPO: SUPERANDO O VIÉS URBANOCÊNTRICO

CAIO CÉSAR SANTOS BORIN GARCIA

### RESUMO

Este estudo investiga como o ensino de filosofia no campo enfrenta obstáculos decorrentes de currículos centrados em uma perspectiva urbana, desconsiderando as especificidades culturais e sociais das comunidades rurais. Justifica-se pela necessidade de adaptar o currículo filosófico às vivências do campo, proporcionando uma formação crítica e inclusiva que valorize a identidade local. Utilizou-se uma metodologia qualitativa com análise de documentos e revisão bibliográfica, com enfoque em políticas públicas e teorias críticas de educação rural. Os resultados mostram que um currículo descontextualizado limita o potencial formador da filosofia, enquanto a inclusão de conteúdos específicos para o campo promove uma educação emancipadora e de resistência cultural. Conclui-se que a filosofia, adaptada ao contexto rural, favorece a construção de uma identidade crítica, essencial para uma educação inclusiva e transformadora.

**Palavras-chave:** Filosofia; Currículo; Campo; Urbanocêntrica; Contextualizada.

### 1 INTRODUÇÃO

A educação do campo é historicamente marginalizada nos currículos brasileiros, sendo predominantemente influenciada por uma perspectiva urbanocêntrica que ignora as especificidades culturais e sociais das comunidades rurais (LIMA, 2013; PASINATO, 2014). A implementação de um currículo filosófico voltado ao contexto rural tem o potencial de fortalecer a identidade cultural e promover o pertencimento dos alunos do campo, estabelecendo uma educação crítica e emancipadora (FREIRE; MACEDO, 2011). No entanto, o diálogo entre filosofia e educação do campo ainda enfrenta barreiras significativas, como apontam Guimarães (2020) e Molina (2015), que indicam a necessidade de práticas pedagógicas que respeitem a diversidade cultural e o contexto rural.

Para que o currículo filosófico seja realmente inclusivo, é necessário que ele se aproxime das vivências dos estudantes e promova um espaço de resistência e transformação cultural (CRUZ; ZEFERINO, 2014). Correia e Batista (2012) ressaltam a importância da alternância educativa como uma metodologia que valoriza tanto o campo quanto a universidade como espaços formativos, criando um território de formação que dialoga com as experiências locais dos estudantes rurais. Essa abordagem é reforçada por Medeiros (2022), que destaca a importância de políticas públicas que contemplem a realidade do campo e promovam uma educação que valorize a autonomia e o fortalecimento identitário.

O objetivo deste estudo é analisar os desafios e as perspectivas de um currículo filosófico contextualizado no campo, avaliando sua capacidade de promover uma educação crítica e transformadora. A partir de uma análise qualitativa, espera-se contribuir para o desenvolvimento de práticas educativas que respondam às necessidades do campo, fortalecendo a formação filosófica e cidadã dos estudantes rurais.

### 2 MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia adotada neste estudo foi baseada em uma abordagem qualitativa, essencial para explorar as nuances e desafios da educação filosófica no campo. Segundo

Guimarães (2020), uma investigação voltada para a filosofia no contexto rural requer um entendimento profundo das especificidades culturais, sociais e pedagógicas que caracterizam o campo. Assim, a análise documental incluiu a revisão de documentos oficiais e políticas públicas que influenciam o currículo rural, como discutido por Molina (2015), que ressalta o impacto das políticas nas práticas educacionais. A escolha pela análise documental foi reforçada pelo trabalho de Freire e Macedo (2011), que apontam a importância de compreender as diretrizes curriculares como parte de um processo de emancipação. Além disso, a revisão de literatura abrangeu estudos que discutem o fortalecimento identitário e a resistência cultural no campo, como apontado por Pasinato (2014) e Cruz e Zeferino (2014), cujo trabalho aborda a relevância de currículos que valorizem a identidade local e os saberes próprios do meio rural.

Para garantir uma abordagem abrangente, o estudo também integrou a metodologia de alternância entre campo e universidade, conforme sugerido por Correia e Batista (2012), uma estratégia que possibilita a formação de educadores com base nas experiências locais dos estudantes. Essa metodologia permite que os conteúdos sejam analisados de acordo com o contexto do campo, promovendo uma educação alinhada com a realidade dos alunos, como destaca Lima (2013) ao abordar a diversidade cultural do currículo rural. A coleta e análise de dados foram realizadas em consonância com as orientações teóricas de Medeiros (2022), que reforça a importância de considerar as necessidades e os desafios específicos do contexto educacional rural. Esse método visou não apenas explorar as lacunas curriculares, mas também propor estratégias para uma educação filosófica mais inclusiva e contextualizada.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os dados levantados neste estudo indicam que a educação filosófica no campo enfrenta sérios desafios relacionados à predominância de currículos com enfoque urbano, que negligenciam as especificidades culturais e sociais do contexto rural (LIMA, 2013; GUIMARÃES, 2020). Esse cenário desvantajoso contribui para uma desvalorização da identidade cultural dos alunos do campo, limitando a efetividade de uma educação que visa a emancipação e o pensamento crítico (FREIRE; MACEDO, 2011). Como apontam Pasinato (2014) e Cruz e Zeferino (2014), a falta de conteúdos contextualizados afasta os estudantes de uma educação que poderia promover uma consciência de pertencimento e resistência cultural. A metodologia de alternância entre o campo e a universidade, descrita por Correia e Batista (2012), aparece como uma proposta promissora para superar esses desafios. Essa abordagem valoriza o conhecimento local e permite que os conteúdos sejam interpretados a partir das vivências dos próprios estudantes rurais, facilitando uma formação mais alinhada com suas realidades. Medeiros (2022) reforça que políticas públicas que integram saberes locais ao currículo são essenciais para promover uma educação que valorize a autonomia e a identidade cultural dos estudantes do campo.

No entanto, mesmo com abordagens pedagógicas mais inclusivas, como a metodologia de alternância, ainda existem barreiras estruturais que dificultam a implementação de um currículo filosófico verdadeiramente contextualizado (MOLINA, 2015). Segundo Guimarães (2020), a ausência de um diálogo entre filosofia e educação do campo resulta em práticas educativas que reproduzem o viés urbano, prejudicando a construção de uma consciência crítica nos alunos rurais. Lima (2013) corrobora essa visão ao afirmar que currículos que desconsideram a diversidade cultural limitam o desenvolvimento de uma educação inclusiva e transformadora.

Os resultados deste estudo também indicam que um currículo filosófico adaptado ao campo pode enriquecer a formação dos alunos, fortalecendo a identidade cultural e promovendo um espaço de resistência (PASINATO, 2014). Freire e Macedo (2011) defendem que a educação no campo deve ir além da transmissão de conhecimentos, funcionando como um processo de emancipação que fortaleça o papel dos alunos como agentes de mudança em suas

comunidades. Esse enfoque é essencial para uma formação filosófica que promova a reflexão crítica e o pertencimento.

Outro ponto relevante é a importância da diversidade cultural nos currículos voltados ao campo. De acordo com Medeiros (2022) e Molina (2015), incluir temas que abordem a realidade local dos estudantes permite uma educação mais significativa, que dialoga diretamente com suas experiências e expectativas. A análise dos documentos oficiais, como sugerido por Lima (2013), permite identificar lacunas e sugerir adaptações que reforcem a inclusão de práticas pedagógicas compatíveis com o contexto rural.

A análise de Cruz e Zeferino (2014) demonstra que uma educação no campo que valorize o conhecimento local e os saberes tradicionais é fundamental para o desenvolvimento de uma identidade crítica e resistente. Correia e Batista (2012) corroboram essa visão ao afirmar que a metodologia de alternância possibilita uma maior integração entre os conhecimentos do campo e os conteúdos acadêmicos, promovendo um currículo que reflita a realidade dos estudantes. Essa metodologia favorece a construção de um espaço educativo que respeite e valorize a cultura rural.

Com base nas análises, sugere-se que futuras políticas educacionais devem contemplar de maneira mais incisiva as particularidades do campo. Molina (2015) argumenta que uma política educacional que valorize o contexto rural é essencial para a formação de cidadãos críticos e ativos em suas comunidades. Ao mesmo tempo, Guimarães (2020) destaca que é necessário um maior diálogo entre a filosofia e as práticas pedagógicas do campo, de forma a construir um currículo que promova uma educação filosófica inclusiva e transformadora.

Esses resultados indicam que a filosofia, quando adaptada ao campo, pode contribuir significativamente para a construção de uma consciência crítica entre os estudantes, favorecendo uma educação mais conectada com a realidade local. Freire e Macedo (2011) sustentam que uma educação crítica e emancipadora deve ser baseada nas experiências dos educandos, especialmente no campo, onde as especificidades culturais e sociais são marcantes. Isso reforça a necessidade de práticas pedagógicas que promovam o fortalecimento identitário e a autonomia dos alunos do campo.

#### **4 CONCLUSÃO**

Os resultados obtidos demonstraram que o ensino de filosofia no campo enfrenta barreiras significativas devido à predominância de currículos urbanocêntricos, que não consideram as especificidades culturais e sociais das comunidades rurais (LIMA, 2013; GUIMARÃES, 2020). A análise documental e a metodologia de alternância entre o campo e a universidade, proposta por Correia e Batista (2012), mostraram-se relevantes para a compreensão e superação desses desafios, possibilitando uma formação filosófica mais conectada com a realidade local dos estudantes.

A pesquisa evidenciou a importância de práticas pedagógicas que valorizem o conhecimento e as experiências do campo, promovendo uma identidade cultural forte e um espaço de resistência, como apontado por Pasinato (2014) e Freire e Macedo (2011). No entanto, como discutido por Molina (2015), ainda existem limitações políticas e estruturais que dificultam a implementação de um currículo adaptado ao contexto rural, o que restringe o alcance transformador da educação filosófica no campo.

Para estudos futuros, sugere-se explorar formas de fortalecer o diálogo entre filosofia e educação do campo, conforme sugerido por Guimarães (2020), e investigar a efetividade de currículos que promovam a autonomia e a identidade crítica dos alunos. A adoção de políticas públicas que contemplem as particularidades rurais e a inclusão de práticas contextualizadas são perspectivas que podem contribuir significativamente para uma educação inclusiva e transformadora (MEDEIROS, 2022).

Esta pesquisa contribuiu para a compreensão dos desafios e das perspectivas da filosofia

na educação do campo, mas enfrenta limitações devido à abrangência das políticas educacionais urbanocêntricas e à falta de apoio estrutural. O fortalecimento de uma educação que valorize a identidade cultural e as práticas filosóficas no campo é essencial para promover uma educação cidadã e crítica.

## REFERÊNCIAS

CORREIA, Deyse Morgana das Neves; BATISTA, Maria do Socorro Xavier. Alternância no Ensino Superior: o Campo e a Universidade como territórios de formação de Educadores do Campo. In: ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel et al. Territórios Educativos na Educação do Campo: Escola, Comunidade e Movimentos Sociais. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012 UFPB PERIODICALS.

LIMA, Elmo de Souza. Educação do Campo, Currículo e Diversidades Culturais. Espaço do Currículo, v. 6, n. 3, p. 608-619, 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br> UFPB PERIODICALS.

PASINATO, Maria. A Educação do Campo como espaço de aprendizagem coletiva, resistência e fortalecimento identitário. Revista Educação Pública. 2014. Disponível em: <http://educacaopublica.cecierj.edu.br> EDUCAÇÃO PÚBLICA.

MOLINA, Mônica Castagna. A educação do campo e o enfrentamento das tendências das atuais políticas públicas. Educação em Perspectiva, Viçosa, v. 6, n. 2, p. 378-400, 2015 UFPB PERIODICALS.

CRUZ, Cássio; ZEFERINO, Vânia Maria. A Educação do Campo e seus desafios. Revista Educação Pública. 2014. Disponível em: <http://educacaopublica.cecierj.edu.br> EDUCAÇÃO PÚBLICA.

GUIMARÃES, José Luís de Barros. A necessidade do diálogo entre filosofia e educação do campo: percursos e desafios. Cadernos Cajuína. 2020. Disponível em: <http://cadernoscajuina.pro.br> UFPB PERIODICALS.

MEDEIROS, Leticia Alves. A Educação do Campo no Brasil: desafios e perspectivas. Research, Society and Development, v. 11, n. 2, 2022. Disponível em: <http://rsdjournal.org> RSD JOURNAL.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. A importância da Educação do Campo para a emancipação popular. Educação em Revista, 1990. Reeditado em 2011 por diversas editoras, este trabalho discute os pressupostos de uma educação crítica aplicada ao contexto rural FACCAT.